

BOLETIM HISTÓRICO

Eletropaulo
ELETRICIDADE DE
SÃO PAULO S.A.

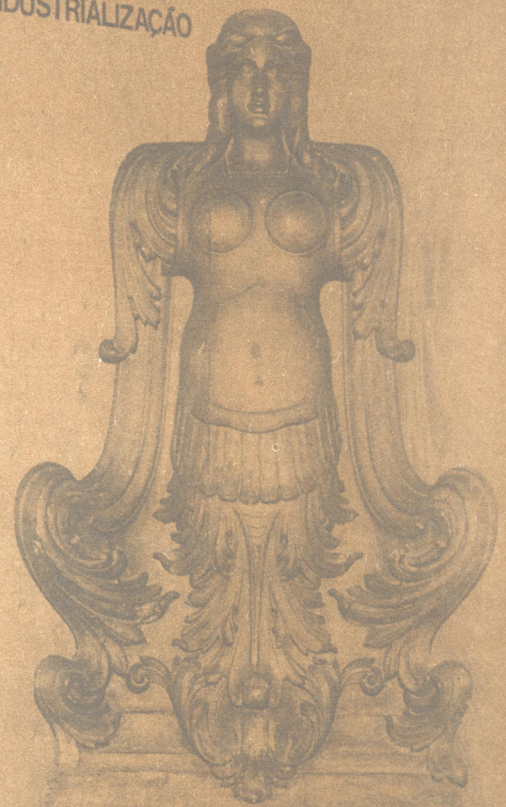


Página 2



1º SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA E ENERGIA

CENTRO
DE
DOCUMENTAÇÃO
HISTÓRICA
DA
ENERGIA
E DA
INDUSTRIALIZAÇÃO



SÉRGIO
MOTTA:

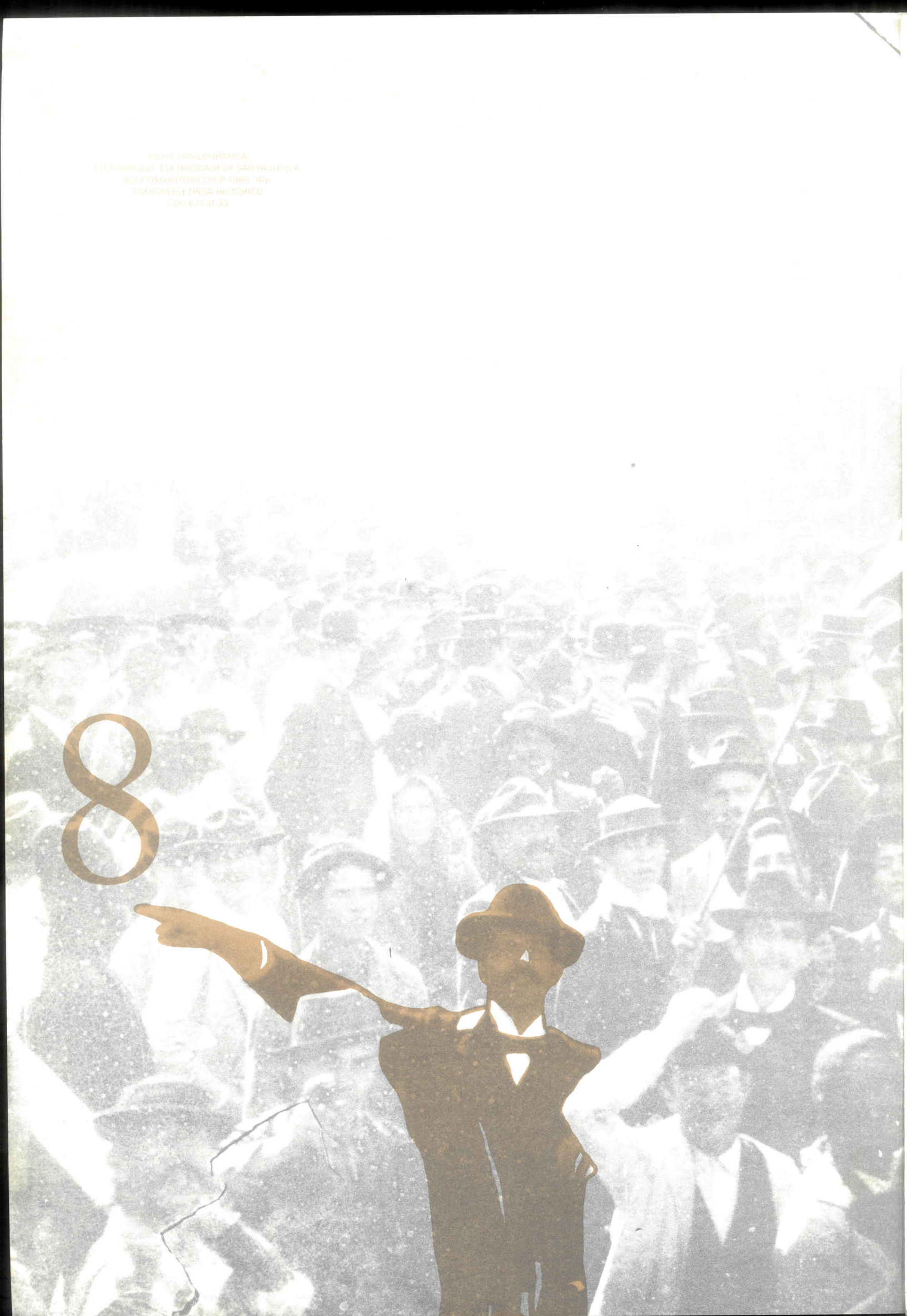
“O
PATRIMÔNIO
DA
LIGHT
É
UMA
CONQUISTA
DOS
TRABALHADORES”

Página 16

III FEIRA NACIONAL DE INDÚSTRIAS,
1942: DIPLOMA DE DISTINÇÃO
ESPECIAL PARA A SÃO PAULO LIGHT
Página 8

A ELETROPAULO ABRE
OS ARQUIVOS DA LIGHT
Página 13

FICHA CATALOGRÁFICA
ELETROPÁULO - ELETRICIDADE DE SÃO PAULO S/A
BOLETIM HISTÓRICO S.P. 1986, 16 p.
ENERGIA ELÉTRICA - HISTÓRICO
CDU 621.31.93



Desde
muita
benéf
impor
pela E
referê
ativid

Nesse
e Ene
do se
repor
confe
acabi

Reun
antro
estab
enriq
conh
mane
a urb
cultu

Nas
prese
histó
elétri
da re
pela

Houv
form
grand
harm
elem
do se
conv
da cr

A Ele
Histó
18 d
Macl
a exp
enerç
reco
públi

1 APRESENTAÇÃO

Desde que a Eletropaulo começou a publicar o *Boletim Histórico*, em abril de 1985, muita água correu. A seara da História da Energia Elétrica no Brasil foi irrigada por benéficas vertentes, brotadas da difusão, entre as empresas energéticas, da importância de seu próprio patrimônio histórico. O exemplo maior é o da criação, pela Eletrobrás, do Centro da Memória do Setor Elétrico, destinado a reunir referências do acervo histórico das empresas brasileiras do setor, além de exercer atividades dinamizadoras da memória de nossas energéticas.

Nesse contexto, a realização, pela Eletropaulo, do 1.º Seminário Nacional de História e Energia, constituiu um desaguadouro dos diversos afluentes dessa preocupação do setor elétrico com sua própria história. É o que se comprova pelas notas e reportagens publicadas neste *Boletim (páginas 2 a 12)*, bem como pelas conferências e comunicações transcritas no 1.º volume dos *Anais* do Seminário, que acaba de ser editado pelo Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo.

Reunindo mais de seiscentas pessoas, entre engenheiros, historiadores, arquitetos, antropólogos, sociólogos, economistas, jornalistas e leigos, o Seminário procurou estabelecer um quadro de referências para a nossa História da Energia Elétrica, enriquecendo e tornando mais complexas as abordagens dessa nova atividade do conhecimento. Fazendo isso, os participantes do Seminário cumpriram também, de maneira intensa e por vezes polêmica, a tarefa de estabelecer as interconexões entre a urbanização, a industrialização, as modificações do meio ambiente natural e cultural e o fluir histórico da corrente elétrica.

Nas várias reuniões de trabalho do Seminário, foram descobertas atividades de preservação postas em prática por empresas, planos de recuperação do patrimônio histórico de outras e, surpreendentemente, atividades universitárias ligadas ao setor elétrico e que transcendem seu âmbito, como o projeto de salvamento arqueológico da região a ser inundada pela barragem de Itaparica do São Francisco, patrocinado pela Chesf.

Houve conflitos. As várias correntes que desaguaram no Seminário, às vezes formaram pororocas, como na discussão sobre os efeitos sociais e econômicos dos grandes projetos hidrelétricos. Mas o caudal de informações escoou-se, harmonicamente, no sentido de considerar a História da Energia Elétrica como elemento crítico e autocrítico das próprias opções atuais e históricas das empresas do setor. Por isso mesmo, na sessão plenária de encerramento, foram aprovadas a convocação de um novo Seminário, já previsto para abril ou maio de 1988, e a idéia da criação de uma Associação para a História da Eletricidade no Brasil.

A Eletropaulo anunciou no Seminário a criação do Centro de Documentação Histórica da Energia e da Industrialização de São Paulo, efetivamente inaugurado em 18 de fevereiro de 1987 (*páginas 13 a 16*). Situado no antigo Edifício Alexandre Mackenzie, da velha Light, o Centro realiza uma proeza nunca antes vista no Brasil: a exposição a consulta pública dos documentos inéditos de uma estatal da área energética, que adquiriu o rico acervo da Light. Em suas salas, consultando cartas, recortes de jornais, fotos, mapas, plantas e objetos, muitos pesquisadores e o público em geral poderão enriquecer sua memória e a da sociedade brasileira.

ABERTURA

Quando o engenheiro Sérgio Motta, vice-presidente executivo da Eletropaulo, abriu os trabalhos do 1.º Seminário Nacional de História e Energia, às 18 horas do dia 19 de outubro de 1986, o auditório do Centro de Convenções Rebouças, em São Paulo, já estava tomado por grande parte dos 631 participantes do seminário, entre os quais autoridades do setor energético, personalidades da comunidade científica, estudantes e convidados especiais.

À mesa, ao lado do vice-presidente executivo da Eletropaulo, encontravam-se os senhores Clóvis de Barros Carvalho, secretário de Estado da Economia e Planejamento, representando o governador de São Paulo; José Pedro de Oliveira Costa, secretário especial do Meio Ambiente; o professor Jacques Marcovitch, presidente das companhias energéticas de São Paulo; o professor Fábio Magalhães, representando o ministro da Cultura; o professor José Goldemberg, reitor da Universidade de São Paulo; a professora Orcélia Barroso, representando o presidente da Eletrobrás; e o professor Francisco de Assis Magalhães Gomes, como convidado de honra.

O professor Jacques Marcovitch enalteceu a importância e a oportunidade do evento, destacando "a relevância das lições do passado para enfrentar o presente e planejar o futuro". No mesmo sentido usaram da palavra o escritor Fábio Magalhães, o reitor José Goldemberg e o secretário Clóvis de Barros Carvalho.

Encerrando o ato solene, o engenheiro Sérgio Motta prestou sentida homenagem ao professor Francisco de Assis Magalhães Gomes, reverenciando-o como "símbolo de todos os técnicos e cientistas que dedicaram o melhor de seus esforços ao desenvolvimento do setor energético brasileiro, numa longa história de luta política e desafio profissional".



Angelo José Perosa

Angelo José Perosa

Logo após o
servido um
congraçam
Francisco M
exemplares
A Eletrifica
como o se
História & E
Departame
da Eletropa

ENC

A sessão
aberta às
outubro d
pelo enge
Maffei, di
Eletropaul
historiado
diretor do
Patrimôni
empresa.

Foram lido
relatórios
reuniões c
ao longo c
seqüência
constituiç
de sete m
incumbên
document
seminário
providenci
realização

HOMENAGEM

Logo após a sessão de abertura, foi servido um coquetel de conagração, quando o professor Francisco Magalhães autografou exemplares do trabalho de sua autoria *A Eletrificação no Brasil*, publicado como o segundo número dos cadernos *História & Energia* editados pelo Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo.

O professor Francisco de Assis Magalhães Gomes é um eminente cientista e pesquisador, nascido em Ouro Preto, Minas Gerais, em 1906 e formado pela Escola de Minas da mesma cidade em 1928. Pioneiro da física brasileira, lecionou, entre outras matérias, física, astronomia e mineralogia, dedicando-se também à história da ciência.

A obra *A Eletrificação no Brasil*, agora editada, como também *História da Siderurgia no Brasil*, publicada em 1983, são frutos de pesquisas realizadas com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. O volume autografado pelo autor na abertura do seminário proporciona uma visão abrangente dos caminhos percorridos pela "hulha branca" no Brasil, nas áreas de geração, transformação, transmissão e distribuição, desde os tempos heróicos das primeiras e modestas empresas de energia elétrica até os dias atuais da gigantesca usina de Itaipu.



Angelo José Perosa

ENCERRAMENTO

A sessão de encerramento, aberta às 19 horas do dia 23 de outubro de 1986, foi presidida pelo engenheiro Reynaldo Maffei, diretor de Operação da Eletropaulo, e secretariada pelo historiador Ricardo Maranhão, diretor do Departamento de Patrimônio Histórico da empresa.

Foram lidos e aprovados os relatórios finais das doze reuniões de trabalho, realizadas ao longo do seminário. Na seqüência, decidiu-se pela constituição de uma comissão de sete membros, com a incumbência de elaborar o documento final do primeiro seminário e encaminhar as providências necessárias à realização do segundo em 1988.

Foram então escolhidos para integrar a comissão: Frederico Magalhães Gomes, da Eletrobrás; Jorge Alberto Rosa Ribeiro, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Eliane Ribeiro Denizot, de Furnas; Mário Savelli, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; Maria Ubiracira Barbosa Maia, da Rio Light; Álvaro José Stallone Arantes, de Furnas; e Célia dos Reis Camargo, da Eletropaulo, além de Ricardo Maranhão, da Eletropaulo, como coordenador.

As professoras Raquel Glezer, representante da Associação Nacional dos Professores Universitários de História, e Filomena Gebran, coordenadora da área de Ciências Humanas do CNPq, congratularam-se com os participantes pelo êxito do seminário. Com palavras de agradecimentos e incentivos, o engenheiro Reynaldo Maffei, em nome da diretoria da Eletropaulo, deu os trabalhos por encerrados.



Angelo José Perosa

20 DE OUTUBRO, SEGUNDA-FEIRA

21 DE OUTUBRO, TERÇA-FEIRA

Tema: A Energia Elétrica e o Desenvolvimento da Ciência e da Tecnologia

Presidente: CRODOWALDO PAVAN (CNPq)

Conferencistas:

MILTON VARGAS (USP), Desenvolvimento de uma Geotecnologia Nacional a partir dos Projetos Hidroelétricos
 FREDERICO MAGALHÃES GOMES (Eletrobrás), O Centro de Pesquisas em Energia Elétrica: Histórico e Perspectivas
 VALBERT P.A. GARCIA (Eletropaulo), A Distribuição Subterrânea na Eletropaulo
 OSWALDO SEVÁ (Unicamp), O Sonho da Energia Limpa e a sua Ressaca - ou as Dívidas dos Governos e dos Cientistas para com a Sociedade

Tema: Industrialização, Urbanização e Energia Elétrica

Presidente: HEITOR FERREIRA LIMA (economista e historiador)

Conferencistas:

ANTÔNIO CARLOS BÔA NOVA (Energia de São Paulo), Energia Elétrica, Estilo de Consumo e Projeto de Sociedade
 MARIA BÁRBARA LEVY (Universidade Federal do Rio de Janeiro), As Tarifas de Energia Elétrica na Composição dos Custos Industriais na Cidade do Rio de Janeiro no Início do Século
 PAUL SINGER (USP e CEBRAP), O Monopólio de Energia Elétrica: o Conflito de Interesses entre Curto e Longo Prazo
 WARREN DEAN (New York University, EUA), A Floresta como Fonte de Energia na Urbanização e na Industrialização de São Paulo: 1900-1950
 ÂNGELA TUDE DE SOUZA (Unicamp), Eletrificação e Urbanização de Novas Áreas: a Extensão do Salariato e as Novas Bases Urbanas da Amazônia Oriental

SESSÕES PLENÁRIAS (manhã)

Tema I: Memória Técnica da Energia Elétrica

Coordenadora: MARIA LÚCIA PERRONE PASSOS (Eletropaulo)
 Relator: PAULO ROBERTO AMARO (Eletronorte)

Comunicações:

OSCAR RICHARD STEIN (Eletrosul), Histórico do Programa de Memória Técnica de Hidrelétricas
 PAULO ROBERTO AMARO (Eletronorte), Metodologia, Procedimento e Metas: a Experiência da Eletronorte

Tema I: Energia e Preservação do Meio Ambiente

Coordenador: JOSÉ MARLON SALVADOR BARROSO (Eletropaulo)
 Relator: PEDRO AGOSTINHO (Universidade Federal da Bahia)

Comunicações:

JOÃO MARTINS RODRIGUES NETO (Eletropaulo), Energia e Problemas Ambientais no Litoral Sul Paulista
 NELSON SIMÕES (CESP) e outros, Energia e seus Impactos
 FLÁVIA RALSTON D'OLIVEIRA (CESP), O Papel das Empresas de Energia na Proteção dos Bens Culturais
 PEDRO AGOSTINHO (Universidade Federal da Bahia), Considerações Preliminares sobre o Projeto de Salvamento Arqueológico de Itaparica do São Francisco

Tema II: Alternativas Tecnológicas na Área da Energia Elétrica

Coordenador: OSWALDO S. QUINTAS (Eletropaulo)
 Relator: SÉRGIO BAJAY (Unicamp)

Comunicações:

CARLOS AMÉRICO MORATO (USP), Energia Fotovoltaica
 JOÃO ERNESTO ROBBA (USP), Eletrônica na Eletricidade: Problemas da Formação de Engenheiros
 SÉRGIO VALDIR BAJAY (Unicamp), O Desenvolvimento Nacional e as Pequenas Centrais Hidrelétricas: uma Visão Histórica
 ANDRÉ FURTADO (Unicamp), Política Energética no Brasil: 1974-1984

Tema II: Assentamentos Humanos, Energia Elétrica e Vida Cotidiana

Coordenador: JOSÉ ANTÔNIO SEGATTO (Eletropaulo)
 Relatora: ODETE POLESI (Eletropaulo)

Comunicações:

ALESSANDRO BARGHINI e outros (Conselho Estadual de Energia do Estado de São Paulo), Uso da Energia Elétrica no Cotidiano Residencial
 CARLOS LEMOS (USP), A Energia Elétrica e a Vida Cotidiana em São Paulo
 DORA NOGUEIRA PORTO e outros (Eletropaulo), Pró-Luz: Eletrificação de Favelas
 ALTIR MÁIA e outros (Eletronorte), A Experiência de Tucuruí
 MARIA DO SOCORRO FERRAZ BARBOSA e outros (Universidade Federal de Pernambuco), Projeto Itaparica de Salvamento
 JORGE ALBERTO ROSA RIBEIRO (Associação dos Professores de História do Rio Grande do Sul), Histórico do Processo de Encampação da CEERG (Bond & Share) no Rio Grande do Sul

Tema III: Projetos de Preservação da Memória das Concessionárias

Coordenadora: DIRCE DE PAULA E SILVA MENDES (Eletropaulo)
 Relatora: ADELINA M.A. NOVAES E CRUZ (CPDOC)

Comunicações:

ADELINA MARIA ALVES NOVAES E CRUZ (CPDOC), Memória Pré-Operacional da Eletrobrás: 1953-1962
 LÚCIA MESCKELL e outros (Eletronorte), Projeto Memória da Eletronorte
 CARLOS AUGUSTO LIMA FERREIRA e outros (CHESF), Projeto de Salvamento Cultural de Itaparica
 DIRCE DE PAULA E SILVA MENDES (Eletropaulo), O Centro de Documentação Histórica da Energia e da Industrialização de São Paulo

Tema III: Projetos de Preservação da Memória das Concessionárias

Coordenadora: NÍVIA FARIA (Eletropaulo)
 Relatora: SUELENA JOSINO (CEEE do Rio Grande do Sul)

Comunicações:

OSWALDO S. QUINTAS e VERA MARIA DE BARROS FERRAZ (Eletropaulo), Recuperação da Usina Izabel
 PAULO ROBERTO ENSINAS (CPFL), O Centro de Memória da Companhia Paulista de Força e Luz
 SUELENA MARIA GARSKE JOSINO (Companhia Estadual de Energia Elétrica do Rio Grande do Sul), O Projeto de Museu da Eletricidade no Rio Grande do Sul
 ADÃO PEREIRA PEDROSA e ROGÉRIO COSTA KINDLE (Cemig), História e Memória da Cemig

REUNIÕES DE TRABALHO (tarde)

Tema: Patr

Presidente: Pró-Memó

Conferenci
 FABIENNE
 l'Electricité
 da Memó
 Forma de
 EDDY STOL
 História e
 Bélgica
 RENATO FI
 na Preserv
 JOSÉ LOPE
 da Zona N
 Salvaguar
 ULIPIANO I
 Industrial e
 CELIA DO
 Patrimônio

Tema I: En

Coordenad
 Relator: AN
 Paulo)

Comunicac
 ANTÔNIO
 Energia e C
 MARIA LUI
 Cidade de
 Estratificac
 IDA RAICH
 Empresa P
 YARA DUB
 da Bahia), I
 Desapropri

Tema II: Pre

Coordenad
 (Eletropaulo)
 Relatora: M

Comunicac
 VERA MAR
 Programa d
 Eletropaulo
 MARLENE
 Eletrosul
 GISELLE BE
 Prática de E
 FERNAND
 Brasileiros:
 SHIN'YA NA
 Preservaçã

Tema III: At

Coordenad
 Relator: FEL

Comunicac
 EDDY STOL
 Arqueologia
 JOSÉ LOPE
 da Zona No
 Português
 RUY GAMA
 Brasil
 FELICIANO
 Maquinário
 Quadro Tecr

Tema: Patrimônio, Preservação e História da Energia

Presidente: MOZART VÍTOR SERRA (Fundação Nacional Pró-Memória)

Conferencistas:

FABIENNE CARDOT (Association pour l'Histoire de l'Electricité en France), A Eletricidade na França: Preservação da Memória Industrial e Pesquisas Históricas sobre uma Forma de Energia
 EDDY STOLS (Universidade Católica de Louvain, Bélgica), História e Arqueologia Industrial da Energia Elétrica na Bélgica
 RENATO FELICIANO DIAS (Eletrobrás), O Papel da Eletrobrás na Preservação da Memória do Setor de Energia Elétrica
 JOSÉ LOPES CORDEIRO (Grupo de Trabalho de Arqueologia da Zona Norte, Porto, Portugal), Algumas Questões para a Salvaguarda do Patrimônio Industrial
 ULPIANO BEZERRA DE MENEZES (USP), Patrimônio Industrial e Política Cultural
 CÉLIA DOS REIS CAMARGO (Eletropaulo), Preservação do Patrimônio Documental e História das Instituições no Brasil

Tema: Questões para a História da Energia Elétrica

Presidente: TAMÁS SZMRECSÁNYI (Unicamp e USP)

Conferencistas:

MÁRIO SAVELLI (CONDEPHAAT), História, Criadora do Futuro e portanto Matriz do Desenvolvimento
 OTÁVIO MIELNIK (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Influência das Estruturas Empresariais no Desenvolvimento Energético
 ALBERT BRODER (Universidade de Lille, França), Os Bancos e o Desenvolvimento da Indústria de Energia Elétrica Européia
 MÁRCIO WOHLERS DE ALMEIDA (PUC de São Paulo), Antecedentes da Formação da CESP em São Paulo: Notas
 NIVALDE JOSÉ DE CASTRO (Universidade Federal do Rio de Janeiro), O Pacto da Clivagem no Setor de Energia Elétrica do Brasil: 1945-1962
 RICARDO MARANHÃO (Eletropaulo), Para um Conceito da Eletrificação no Brasil como Processo Social

Tema I: Energia e Classes Sociais

Coordenador: JOSÉ ANTÔNIO SEGATTO (Eletropaulo)
 Relator: ANTÔNIO CARLOS BÓIA NOVA (Energia de São Paulo)

Comunicações:

ANTÔNIO CARLOS BÓIA NOVA (Energia de São Paulo), Energia e Classes Sociais no Brasil
 MARIA LUISA DE ALMEIDA PASCHKES (Eletropaulo), A Cidade de São Paulo: Iluminação Pública, Ocupação Urbana e Estratificação Social (1900-1930)
 IDA RAICHTALER (Eletropaulo) e outros, Alguns Papéis da Empresa Pública do Setor Elétrico
 YARA DULCE BANDEIRA DE ATAÍDE (Universidade do Estado da Bahia), Reservatório do Sobradinho: a Conjuntura da Desapropriação

Tema I: A Energia Elétrica na História da Ciência

Coordenador: FELICIANO S.C. DIAS (Eletropaulo)
 Relator: EWALDO MELLO DE CARVALHO (Universidade Federal de Minas Gerais)

Comunicações:

EWALDO MELLO DE CARVALHO (Universidade Federal de Minas Gerais), Um Marco Histórico na Instrumentação Científica: os Métodos Elétricos
 GIORGIO MOSCATI (USP), Pré-História do Eletromagnetismo
 ROBERTO MARTINS (Unicamp), Eletricidade e Equivalente Mecânico do Trabalho
 RUY GAMA (USP), Periodização da História da Técnica e da Tecnologia do Ponto de Vista Energético
 WALTER CARDOSO (Universidade do Estado de São Paulo), História da Energia Elétrica em sua Totalidade

Tema II: Preservação do Patrimônio

Coordenadora: VERA MARIA DE BARROS FERRAZ (Eletropaulo)
 Relatora: MARLENE ZABOT (Eletrosul)

Comunicações:

VERA MARIA DE BARROS FERRAZ (Eletropaulo), O Programa de Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Eletropaulo
 MARLENE ZABOT (Eletrosul), Documentação Gerencial da Eletrosul
 GISELLE BEIGUELMAN (Eletropaulo), Parnaíba, uma Escola Prática de Engenharia
 FERNANDO BAR (Eletrosul), Permanência dos Papéis Brasileiros: um Teste de Campo
 SHIN-YA NAKAMURA (Eletropaulo), Providências para a Preservação do Patrimônio Documental da Eletropaulo

Tema II: "Business History", Energia e Industrialização

Coordenadora: MARIA BÁRBARA LEVY (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
 Relator: FLÁVIO AZEVEDO MARQUES DE SAES (USP)

Comunicações:

RUFINO PORFÍRIO ALMEIDA (Universidade Federal de Santa Catarina), História de Empresas
 ALBERT BRODER (Universidade de Lille, França), Multinacionais e Controle da Indústria Elétrica na Primeira Metade do Século XX
 FLÁVIO AZEVEDO MARQUES DE SAES (USP), História das Empresas de Serviços Públicos: Questões Metodológicas

Tema III: Arqueologia Industrial e História da Técnica

Coordenadora: RAQUEL CUNHA GAIGER (Eletropaulo)
 Relator: FELICIANO S.C. DIAS (Eletropaulo)

Comunicações:

EDDY STOLS (Universidade Católica de Louvain, Bélgica), Arqueologia Industrial na Bélgica
 JOSÉ LOPES CORDEIRO (Grupo de Trabalho de Arqueologia da Zona Norte, Porto, Portugal), O Patrimônio Industrial Português
 RUY GAMA (USP), Aspectos da Arqueologia Industrial no Brasil
 FELICIANO S.C. DIAS (Eletropaulo), Reconstituição do Maquinário Instalado na Usina da Parnaíba e sua Posição no Quadro Tecnológico da Época

Tema III: Fontes para a História da Energia Elétrica

Coordenadora: HELOÍSA BARBOSA DA SILVA (Eletropaulo)
 Relatora: VERA LÚCIA TOKAIRIM (Eletropaulo)

Comunicações:

ISRAEL BELOCH (CPDOC), Fontes para a História Social Brasileira no Século XX
 ARI AUGUSTO LONGO (Companhia Paulista de Energia Elétrica), Uma Contribuição à História da Energia Elétrica
 GISELLE BEIGUELMAN (Eletropaulo), Bondes da Light: Recuperação do Cotidiano
 PAULO AFONSO ARRUDA e SÉRGIO ALBERTO P. SILVA (Eletropaulo), Coleções de Recortes de Jornais como Fonte para a História da Industrialização e da Eletricidade em São Paulo
 RITA DE CÁSSIA MARTINEZ LO SCHIAVO e outros (Eletropaulo), Fontes para a História da Light: Séries de Correspondência da Diretoria
 CARLOS SÉRGIO DA COSTA LIMA e outros (Eletropaulo), Fontes para a História da Light: Acervo Fotográfico



Reunião de trabalho sobre "Arqueologia Industrial e História da Técnica" (da esq. para dir.): Feliciano Dias, Ruy Gama, Eddy Stols, Raquel Gaiger (coordenadora) e José Lopes Cordeiro

A Arqueologia Industrial e sua relação com a História da Técnica foi um dos temas abordados no seminário. A discussão reuniu profissionais de diversas áreas: Eddy Stols, doutor em História Moderna e professor catedrático de História Econômica e Social na Universidade de Louvain, na Bélgica; José Lopes Cordeiro, historiador e membro da Comissão Organizadora do 1.º Encontro Nacional sobre Patrimônio Industrial em Portugal; Ruy Gama, arquiteto e professor adjunto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo; e Feliciano Swerts Carneiro Dias, engenheiro e bacharel em Filosofia, atualmente trabalhando como consultor no Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo.

Algumas premissas teóricas para o debate já haviam sido levantadas em sessão plenária pelo professor Ulpiano Bezerra de Menezes, do Departamento de História da Universidade de São Paulo, quando abordou o tema "Patrimônio Industrial e Política Cultural". Aceitando a definição da Arqueologia como história da cultura material, destacou, no entanto, que os artefatos devem ser analisados em seu duplo aspecto, "como produtos e como vetores de relações sociais". Assim, a Arqueologia, ao se ocupar dos artefatos, ocupa-se também "das formas específicas de organização dos homens em sociedade" e da "produção e efetivação, em certas direções, das relações sociais". A partir desse enfoque, caracterizou a Arqueologia Industrial como a disciplina que estuda as formas que o espaço assumiu após a Revolução Industrial.

O professor Eddy Stols dedicou sua exposição ao contraste existente na Bélgica entre os monumentos legados pela Primeira Revolução Industrial, baseada na energia a vapor e nas ricas jazidas européias de hulha, e a ausência de obras-primas decorrentes da Segunda Revolução Industrial, alicerçada no desenvolvimento da energia elétrica. O professor Stols ressaltou também a modéstia da bibliografia sobre eletricidade no mundo inteiro e especialmente na Bélgica. Segundo ele, "a energia elétrica como tema de estudos de Arqueologia Industrial sofre provavelmente de sua limpeza, incandescência e durabilidade. Parece faltar aqui o ingrediente de romantismo social e culpabilizador que, nas ruínas das velhas fábricas, na fumaça das chaminés, no barulho das máquinas a vapor e dos teares, na tristeza das vilas operárias, destilou a motivação para que tantos historiadores enveredassem pelos caminhos da Arqueologia Industrial."

O professor Stols advogou, então, que o conceito científico de Arqueologia Industrial seja ampliado para incluir "o mundo mais luminoso, mais banal e atual da energia elétrica", salientando que o papel da Bélgica nessa Segunda Revolução Industrial foi importante, marcado por nomes como Gramme (construtor de um dos primeiros dinamos práticos) e Charles Vande Poele (que aplicou o sistema do trolley ao bonde americano tornando-o elétrico) e também pela participação de escolas belgas na formação das primeiras gerações de engenheiros e técnicos eletricitistas, com grande presença de estudantes estrangeiros, entre os quais vários brasileiros, como Edgard de Souza, futuro superintendente geral da Light.

O professor Stols analisou ainda o desenvolvimento da indústria elétrica belga e a participação financeira belga no desenvolvimento elétrico no mundo inteiro, alinhando questões que exigem pesquisas adicionais.



Plenária sobre "Patrimônio Industrial e História da Técnica" (secretário de

O professor José Lopes Cordeiro fez um balanço da Arqueologia Industrial em Portugal, tendo em vista algumas experiências de investigação do patrimônio industrial que "um dos objetivos da Arqueologia Industrial é a recuperação da cultura industrial própria criada ao longo da história progressiva utilização dos recursos finais do século XIX e início do século XX, sociedades com diferentes utilizações da energia elétrica e indicações para a preservação de elementos que"

O professor Cordeiro destacou a importância da Arqueologia Industrial em Portugal, tendo em vista a integração no movimento de investigação do patrimônio industrial no início dos anos 80, com a criação do Projeto de Inventário do Patrimônio Industrial da Ave. Finalmente, destacou a importância da Arqueologia Industrial na divulgação dos t

ARQUEOLOGIA

O professor Ruy Gama destacou a importância da Arqueologia Industrial em Portugal, tendo em vista a integração no movimento de investigação do patrimônio industrial no início dos anos 80, com a criação do Projeto de Inventário do Patrimônio Industrial da Ave. Finalmente, destacou a importância da Arqueologia Industrial na divulgação dos t

INDÚSTRIA, ELETRICIDADE E ARQUEOLOGIA



Plenária sobre "Patrimônio, Preservação e História da Energia" (da esq. para dir.): Célia Camargo, José Lopes Cordeiro, Eddy Stols, Feliciano Dias (secretário da mesa), Mozart Serra (presidente), Fabienne Cardot, Renato Dias e Ulpiano de Menezes

O professor José Lopes Cordeiro apresentou um breve balanço da Arqueologia Industrial portuguesa, extraindo algumas experiências de interesse para a salvaguarda do patrimônio industrial em outros países. Lembrando que "um dos objetivos essenciais da Arqueologia Industrial é a reconstrução da história da civilização e cultura industriais através dos vestígios físicos por ela própria criados", o professor Cordeiro sublinhou que "a progressiva utilização da energia elétrica a partir dos finais do século passado é um traço estruturante" das sociedades contemporâneas e, por isso, o estudo das utilizações da energia elétrica é uma fonte de "indicações preciosas para a compreensão dos elementos que caracterizam" essas sociedades.

O professor Cordeiro esclareceu também que a Arqueologia Industrial é uma disciplina recente em Portugal, tendo surgido nos finais da década de 70, integrada no movimento da defesa do patrimônio. No início dos anos 80, desenvolveram-se vários projetos de investigação, sobretudo na área da manufatura do vidro, com a criação da primeira estação de Arqueologia Industrial na antiga fábrica de vidros da Amora e com o Projeto de Inventário do Patrimônio Industrial do Vale do Ave. Finalmente, em 1985, realizou-se a Exposição de Arqueologia Industrial da Central do Tejo, marco para a divulgação dos trabalhos nesse novo campo científico.

ARQUEOLOGIA DOS ENGENHOS DE AÇÚCAR

O professor Ruy Gama começou por um breve histórico da Arqueologia Industrial, ressaltando que o termo surgiu na Inglaterra na década de 50 com referência aos monumentos e vestígios da Revolução Industrial inglesa. No Brasil, a implantação da indústria têxtil em meados do século XIX é tomada habitualmente como marco inicial para os estudos de Arqueologia Industrial mas, segundo o professor Gama, esse marco deveria remontar ao século XVI, quando foi implantada a primeira atividade manufatureira no país com os engenhos de açúcar. O professor Gama questionou também a necessidade de uma Arqueologia Industrial autônoma, indagando se o estudo não caberia numa História da Técnica, ou se não seria uma disciplina auxiliar da História.

O engenheiro Feliciano Dias relatou a experiência da pesquisa sobre a construção da usina de Parnaíba⁽¹⁾, apontando as dificuldades encontradas e mostrando como se acham imbricadas, na orientação de pesquisa do Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo, as realizações técnicas (como a construção de usinas hidrelétricas), a implantação de sistemas de transporte e iluminação por meio de eletricidade e as mudanças observadas na sociedade, como o crescimento urbano, a formação de técnicos ou o estabelecimento de um novo padrão na engenharia do Brasil, que teve como área de atuação principal no século XIX a construção de estradas de ferro.

O estudo da construção da usina de Parnaíba mostrou um contraste muito grande entre o que se praticava aqui e o sistema de trabalho trazido do exterior, sobretudo no que diz respeito a planejamento. Evidenciou ainda a relação entre a construção da usina e a formação de engenheiros pela Escola Politécnica paulista. Assim, a Arqueologia Industrial, ao desvendar como foram realizados os diversos empreendimentos, mostra aspectos da sociedade onde foram realizados, ilumina o debate acerca das opções tecnológicas adotadas, sendo, nesses termos, uma baliza para os estudos da industrialização brasileira.

As comunicações apresentadas na reunião de trabalho refletiram as divergentes conceituações da Arqueologia Industrial, o que ressalta a riqueza dessa disciplina recente, que ainda não demarcou seu objeto de estudos, mas já apresenta contribuições significativas para o conhecimento de como foi construída essa "segunda natureza" representada por quase todos os movimentos modernos que usam a eletricidade e os artefatos industrializados.

(1) Ver "A Usina de Parnaíba" em *História & Energia*, n.º 1, Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo, São Paulo, maio de 1986, pags. 54-61.



III Feira Nacional de Indústrias

OFICIALIZADA PELO GOVERNO DO ESTADO - DECRETO-LEI Nº 12121 - 14-8-41

Diploma de Honra de Distinção Especial

conferido a *The São Paulo Tramway Light and Power Co. Ltd.*
pela apresentação de *Maquetes - Gráficos e Fotografias*

cooperando, assim, para o maior brilho do certame de 1942

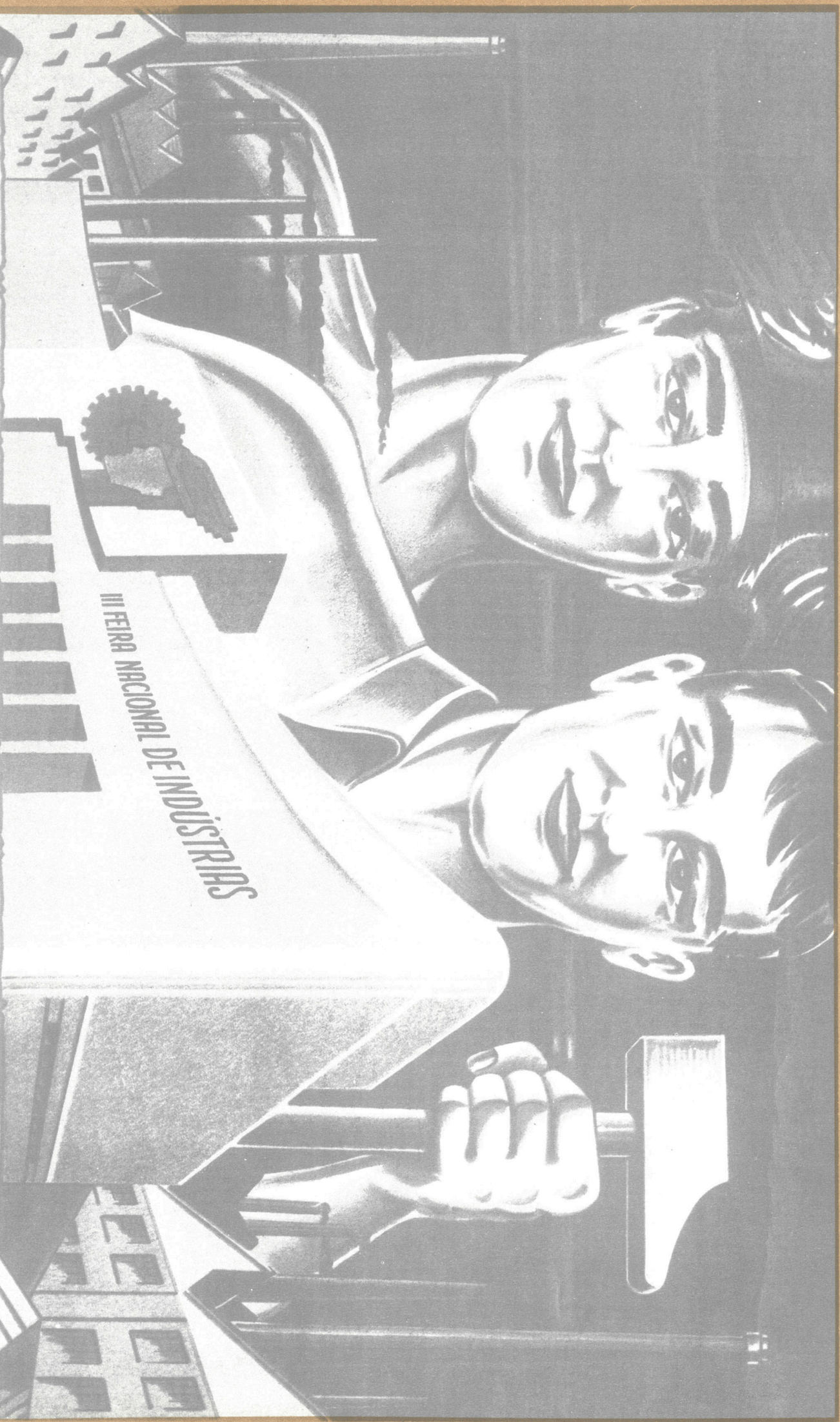
Comissário Geral

Presidente do Conselho Deliberativo



Feira Nacional de Indústrias

OFICIALISADA PELO GOVERNO DO ESTADO - DECRETO-LEI Nº 12121 - 14-8-41



ELETRICIDADE E MEIO AMBIENTE

As grandes barragens já colocaram debaixo d'água 30 mil km² do território nacional. Com as novas centrais hidrelétricas em construção ou em projeto, mais 70 mil km² estarão alagados até o ano 2010, chegando-se a uma área inundada de 100 mil km², o equivalente à área de estados inteiros como Ceará ou Santa Catarina.

Foi com cifras candentes como estas que o professor Oswaldo Sevá acendeu uma das polêmicas mais acirradas do 1.º Seminário Nacional de História e Energia. Segundo o professor Sevá, da Escola de Engenharia de Produção da Unicamp, o desenvolvimento recente da hidreletricidade de grande porte é responsável pela degradação rápida e em grande escala de importantes bacias fluviais brasileiras, ocasionando, entre outros sérios problemas, o deslocamento de populações numerosas, a perda de extensões significativas de terras férteis, a ocorrência de perturbações ecológicas e sanitárias tais como apodrecimento de águas, emanação de gases, formação de focos de doenças transmissíveis ou alterações climáticas, além dos riscos crescentes de acidentes devastadores com a eventual ruptura de ensecadeiras ou barragens enormes, infiltrações no solo e tremores de terra. Por esses motivos, argumentou o professor Sevá, o sonho de que o país tivesse encontrado na hidreletricidade uma fonte de energia limpa, barata e renovável está-se transformando numa ressaca e exigindo a reavaliação cuidadosa da política de construção de grandes barragens e gigantescas usinas hidrelétricas.

Contra essa conclusão levantaram-se com veemência, entre outros participantes do seminário, os engenheiros Frederico Magalhães Gomes da Eletrobrás e Sérgio Levy da Eletrosul, insistindo que somente a construção de usinas hidrelétricas de grande porte está em condições de suprir rapidamente a enorme e crescente demanda de energia do país. Fontes alternativas em grande escala não estarão disponíveis nas próximas décadas e a alternativa real seria a construção de usinas nucleares, com riscos ainda mais intranquilizadores.

Essa correlação estreita entre crescimento da economia e crescimento do consumo energético foi contestada, no entanto, pelo sociólogo Antônio Carlos Bôa Nova, assessor da presidência unificada das empresas energéticas de São Paulo. Bôa Nova reconheceu que "a energia elétrica, por ser divisível e versátil, propiciou um leque amplo de utilizações nos processos produtivos e no consumo residencial, desencadeando fortes mudanças nos padrões tecnológicos e de consumo", sobretudo após a Segunda Guerra Mundial. O eletrodoméstico e o automóvel (este também um meio de transporte divisível e versátil) tornaram-se os símbolos da "sociedade de consumo", levando à conhecida tese de que o crescimento energético é condição indispensável do crescimento econômico e do bem-estar social.

"Mas a crise do petróleo veio colocar em cheque todo esse saber convencional", lembrou Bôa Nova, formulando-se políticas de economia

de energia e de criação de fontes alternativas que possibilitaram sensível redução no ritmo de crescimento do consumo energético. Ficou evidente que a política energética não pode restringir-se à discussão do *suprimento*, mas precisa considerar também a *utilização final, para quê e para quem* a energia é produzida. Adotando esse enfoque, Bôa Nova apresentou dados para demonstrar que a expansão energética brasileira ocorreu dentro de um modelo de consumo muito desigual, em que os 2% mais ricos da população absorvem 13% da energia residencial, enquanto os 40% mais pobres respondem apenas por 5% desse consumo. Para Bôa Nova, esse modelo de consumo precisa ser repensado, elevando-se o patamar mínimo e fixando-se um teto máximo, dentro das possibilidades da sociedade brasileira e visando a reduzir os custos econômicos e sociais dos programas de incremento da oferta de energia.

O economista André Tosi Furtado, professor da Unicamp, reforçou essa linha de argumentação, ao lembrar que o ritmo de crescimento do consumo energético também pode ser reduzido com programas mais intensivos de racionalização do consumo. O professor Furtado insistiu na tese de que "a energia alternativa mais importante é ainda a economia de energia". Por outro lado, ao criticar o "ufanismo hidrelétrico" da política energética entre 1974 e 1984, apontou a diversificação de fontes e o aproveitamento descentralizado de recursos locais como as tendências mais relevantes do desenvolvimento energético nas próximas décadas.



Oswaldo Sevá



Frederico Gomes

Nesse senti
Américo Mc
professor da
interessante
defendendo
como "uma
alternativas
do homem
professor M
por convert
eletromagn
energia elét
totalmente
poluente".

O professor
"crença gen
energia se ol
muito baixos
para "demor
mais alto apr
energia solar
grande incor
forma de ene
custo que, p
"necessita c
por watt inst
cerca de US
havendo a de
área, o profe
a confiança
dos process
células solar
produção em
deverão reali
preço em ur
a utilização d
em aplicação
projetos de ir
na alimentaç



Os acalorados d

11 SEMINÁRIO

Nesse sentido, o engenheiro Carlos Américo Morato de Andrade, professor da USP, apresentou interessante comunicação defendendo a energia fotovoltaica como "uma das importantes alternativas energéticas à disposição do homem moderno". Segundo o professor Morato, "ela se caracteriza por converter diretamente a energia eletromagnética vinda do sol em energia elétrica", sendo "energia totalmente renovável e não poluente".

O professor Morato contestou a "crença generalizada de que esta energia se obtém com rendimentos muito baixos", apresentando dados para "demonstrar que se trata do mais alto aproveitamento relativo da energia solar". Mas admitiu que o grande inconveniente atual dessa forma de energia é seu preço de custo que, para ser competitivo, "necessita cair dos atuais US\$ 10,00 por watt instalado em painéis até cerca de US\$ 2,00". No entanto, havendo a decisão de investir na área, o professor Morato manifestou a confiança de que "a automação dos processos de fabricação das células solares, bem como sua produção em grandes quantidades, deverão realizar este abaixamento de preço em uma década", viabilizando a utilização da energia fotovoltaica em aplicações específicas, como em projetos de irrigação no Nordeste ou na alimentação de retransmissores

da rede de telecomunicações em locais de acesso difícil.

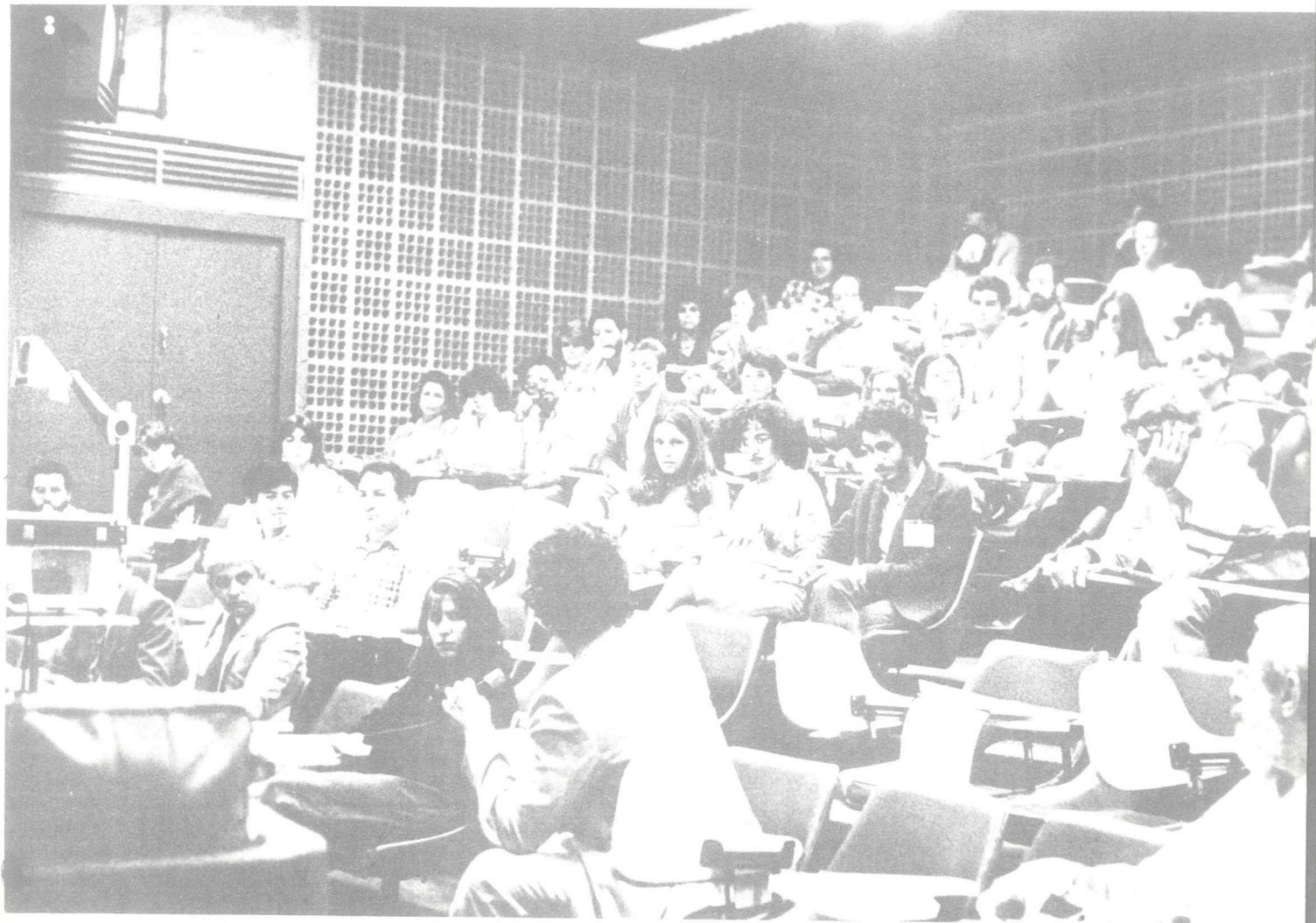
Outra possibilidade de suprimento foi levantada pelo professor Sérgio Bajay, da Unicamp. Depois de recordar que, "até a década de 50, o Brasil apoiou sua eletrificação nas pequenas e médias centrais, pertencentes à iniciativa privada ou aos municípios", e depois de analisar o processo pelo qual, a partir da construção de Furnas, esses pequenos sistemas locais foram substituídos por sistemas integrados abastecidos por centrais de grande porte, o professor Bajay alertou para o ressurgimento recente das pequenas centrais hidrelétricas.

"Como reflexo das crises dos preços dos energéticos em 1973 e 1979", argumentou, "uma pequena central hidrelétrica é hoje mais econômica para suprimento elétrico a regiões remotas do que a geração diesel, mesmo onde o custo da central e da linha de transmissão tenha valores altos." Além disso, "devido à elevação do custo marginal de expansão (os sítios hidrelétricos de grande porte mais baratos e mais próximos dos grandes centros de carga já foram desenvolvidos), as pequenas centrais hidrelétricas começam a tornar-se econômicas também para os sistemas interligados". Daí o seu ressurgimento, com "caráter substitutivo em regiões remotas e

caráter complementar nos sistemas interligados".

Todas essas intervenções confluíram para o objetivo de mostrar a possibilidade de reduzir o ritmo de expansão do consumo energético e de ampliar o leque de alternativas de suprimento, de modo a viabilizar a reavaliação do programa de novas centrais hidrelétricas de porte. Assim, as grandes centrais que se mostrassem realmente indispensáveis poderiam, pelo menos, ser projetadas e construídas em prazos mais longos, cuidando-se de atenuar seus impactos ambientais e suas conseqüências sociais e culturais.

A esse respeito, houve um acalorado debate sobre a construção das usinas de Sobradinho, no Nordeste, e de Tucuruí, na Amazônia, em comparação com a experiência que está sendo desenvolvida atualmente na construção da hidrelétrica de Itaparica, no submédio São Francisco, onde, a par dos programas de reassentamento populacional, vem sendo executado importante projeto multidisciplinar de salvamento arqueológico e cultural, com a participação conjunta de técnicos da Chesf e de especialistas das Universidades Federais da Bahia e de Pernambuco.



Os acalorados debates das reuniões de trabalho

NOVO ENFOQUE DA INDUSTRIALIZAÇÃO



Angelo José Perosa

Plenária sobre "Industrialização, Urbanização e Energia Elétrica" (da esq. para dir.): Paul Singer, Antônio Carlos Bôa Nova, Ricardo Maranhão (secretário da mesa), Heitor Ferreira Lima (presidente), Maria Bárbara Levy, Warren Dean e Ângela Tude de Souza

"Na medida em que se aprofundam os estudos sobre o surgimento e o desempenho da atividade industrial no Rio de Janeiro vai ficando mais nítido o equívoco das interpretações que generalizam a experiência paulista como paradigma da industrialização brasileira." Foi nesse tom incisivo que a professora Maria Bárbara Levy, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, iniciou uma das conferências mais aplaudidas no Seminário¹.

Segundo uma interpretação tradicional, a perda da posição hegemônica do Rio de Janeiro na produção industrial brasileira é associada à decadência da lavoura cafeeira no Vale do Paraíba. Contra esse enfoque a professora Maria Bárbara sustentou outro ponto de vista: "No exame da dinâmica econômica da cidade do Rio de Janeiro há, sobretudo, que ressaltar seu papel como centro importador e ponto de convergência do comércio de cabotagem nacional".

Assim, no começo "sua decisiva vantagem sobre os demais centros urbanos decorria da notória superioridade como centro comercial, que era muito anterior à expansão da lavoura cafeeira, da notável expressão do seu sistema financeiro, de seu porto relativamente bem aparelhado e do fato de estar cercado por quedas d'água de fácil aproveitamento para a produção de energia elétrica". Da mesma forma, "o menor ritmo de crescimento da indústria carioca" foi atribuído "à elevação de seus componentes de custo que acabaram por afetar seus preços relativos e sua competitividade" em relação à de outros estados, "traduzindo-se na perda de parcela de seus mercados. Questões como a evolução dos salários, imposição de tributos e tarifas de transporte e energia elétrica constituíram importantes elementos para a alteração das condições da produção local".

A professora Maria Bárbara destacou a majoração das tarifas de energia elétrica a partir de 1914 como um dos fatores que atingiram decisivamente a competitividade da indústria carioca, mais dependente do fornecimento da Light. No Rio de Janeiro, em 1920, sublinhou, "apenas 12,2% da força motriz era gerada dentro dos estabelecimentos têxteis, enquanto em São Paulo esta proporção chegava a 43%". Assim, quando a Light alterou sua política tarifária, o impacto desfavorável sobre a indústria carioca foi muito maior.

A conferência foi alvejada com várias objeções, como era de se esperar, mas houve um reconhecimento unânime de que abriu novas sendas para o estudo das origens da industrialização brasileira.

¹ A íntegra da conferência, "As Tarifas de Energia Elétrica na Composição dos Custos Industriais na Cidade do Rio de Janeiro no Início do Século" pode ser lida no 1.º volume dos Anais do Seminário, pp. 27-40.

CONVIDADOS ESTRANGEIROS

As sessões plenárias e reuniões de trabalho do 1.º Seminário Nacional de História e Energia foram enriquecidas com as contribuições de cinco especialistas estrangeiros.

O professor Eddy Stols, da Universidade Católica de Louvain, na Bélgica, e o professor José Lopes Cordeiro, do Grupo de Trabalho de Arqueologia da Zona Norte, do Porto, em Portugal, trouxeram subsídios valiosos sobre a Arqueologia Industrial e sua relação com a história da técnica e da energia elétrica (ver matéria nas páginas 6 e 7 deste *Boletim*).

A historiadora Fabienne Cardot transmitiu a importante experiência da "Association pour l'Histoire de l'Electricité en France", de que é secretária científica.

O professor Warren Dean, da Universidade de Nova York, nos Estados Unidos, apresentou uma meticolosa pesquisa sobre a floresta como fonte de energia na urbanização e industrialização de São Paulo.

E o professor Albert Broder, da Universidade de Lille, na França, surpreendeu com seu vasto conhecimento sobre a expansão da indústria de energia elétrica e suas conexões com os bancos europeus, no final do século passado e primeiras décadas do século XX.



Albert Broder

HISTÓRIA ABERTA



O presidente das companhias energéticas paulistas Jacques Marcovitch (à esq.), a suplente de senadora Eva Blay e o vice-presidente executivo da Eletropaulo Sérgio Motta

A Eletropaulo inaugura o Centro de Documentação Histórica da Energia e da Industrialização e abre os arquivos da poderosa Light

Se os documentos guardados pela antiga Light fossem dispostos em linha reta, ocupariam quinze quilômetros de estantes. São 300 milhões de documentos, entre cartas da diretoria, notas fiscais, prontuários de trabalhadores, recortes de jornais, mapas, plantas e 100 mil fotos, guardados com zelo incomum desde 1889 e hoje pertencentes à Eletropaulo. O acesso a este acervo, um dos maiores e mais antigos do país, até agora fechado ao público, começou a ser democratizado no dia 18 de fevereiro de 1987 com a inauguração do Centro de Documentação Histórica da Energia e da Industrialização de São Paulo.

Organizado como um setor do Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo e instalado na sede da empresa, no prédio Alexandre Mackenzie, no Viaduto do Chá em São Paulo, o CDHEI coloca à disposição da comunidade fontes preciosas para o conhecimento de sua história. São registros não apenas da implantação, expansão e nacionalização da poderosa Light, mas também da vida de São Paulo, de sua industrialização, de seu cotidiano.

Funcionando de segunda a sexta-feira, das 9 às 16 horas, o CDHEI já pode ser consultado por pesquisadores, instituições científicas e culturais e pela imprensa em geral. Recebe também visitas técnicas e escolares em horários previamente marcados. Compreende, além das Salas de Atendimento e de Consulta, um Arquivo Histórico, um Laboratório Fotográfico e uma Biblioteca especializada.

O Arquivo Histórico, núcleo do CDHEI, reunirá gradativamente toda a documentação textual, iconográfica e cartográfica, de valor histórico, pertencente à Eletropaulo e hoje espalhada por vários locais, como no sótão da subestação de Pirituba e em velhos galpões. De imediato, já estão inventariados e prontos para uso público 1.101 volumes de correspondência, relatórios e documentos enviados e recebidos pela diretoria da Light entre 1899 e 1971. E recortes de jornais de 1900 a 1964

cuidadosamente arquivados em 1.612 volumes. O acervo disponível inclui ainda 380 álbuns fotográficos, vários álbuns de projetos de execução de obras realizadas pela empresa e cerca de trezentos mapas e plantas de São Paulo e do Brasil, inclusive uma rara Coleção Sara Brasil.

Um capítulo à parte no acervo do CDHEI são os Livros de Aparas (como eram inicialmente chamados) ou de Recortes de 154 jornais nacionais e de colônias de imigrantes. Nos recortes se encontram matérias que descrevem desde as atividades que a Light realizava em São Paulo, até o noticiário econômico, político e militar, demonstrando a preocupação constante da empresa com o que acontecia no país.

REVELAÇÕES

Nos Livros de Documentos da diretoria foram guardados desde simples correspondências enviadas e recebidas, até relatórios que a direção da Light no Brasil enviava para Toronto, Nova York ou Londres, informando o alto comando do grupo sobre a evolução da empresa ou da situação brasileira. Uma parte das cartas e telegramas eram reservados e por isso redigidos em linguagem codificada, existindo funcionários de grande confiança incumbidos de guardar e atualizar os códigos e traduzir a correspondência cifrada.

No setor de cartografia do CDHEI, um dos destaques são os 142 mapas da Coleção Sara Brasil, o primeiro levantamento aerofotogramétrico feito em São Paulo e municípios vizinhos. Trata-se de trabalho contratado pela municipalidade paulista na gestão do prefeito José Pires do Rio e realizado entre 1928 e 1933 pela Società Anonima de Rilevamenti Aerofotogrametici (daí a designação de S.A.R.A.). Técnicos italianos chegaram até com aviões para fotografar São Paulo. Os trabalhos de revelação das fotos e de montagem dos mapas foram concluídos na Itália, encarregando-se da impressão o conceituado Instituto Geográfico de Agostini,

em Novara. Os mapas detalham toda a cidade e são tão importantes que, até hoje, são usados por advogados nos processos de desapropriação.

O Laboratório Fotográfico prossegue no trabalho de inventário do acervo sob sua guarda, mas já colocou à disposição do público 380 álbuns fotográficos, com as 27 mil fotos inventariadas até agora. Fotos que registram a chegada da Light em São Paulo, a cidade que encontrou e as obras que vai realizando, como a colocação dos primeiros trilhos ou a construção das usinas hidrelétricas. É a maior documentação fotográfica disponível sobre a cidade. Há também álbuns adquiridos pela empresa ou doados por funcionários com fotografias, por exemplo, de fazendas de café ou das revoluções de 1924 e 1932, em que a cidade e a Light se viram envolvidas. Detalhe importante é que, das fotos catalogadas, 15 mil foram produzidas em negativos de vidro, processo utilizado nas revelações até a década de 30. Uma relíquia que permite um estudo particular sobre a evolução da fotografia no Brasil.

Quanto à Biblioteca, já dispõe, para consulta, de um núcleo básico de obras sobre a história de São Paulo e sobre a história da energia, industrialização e urbanização em geral. No futuro, serão elaboradas bibliografias especializadas sobre esses temas e será montado um Banco de Dados referentes à história contemporânea de São Paulo, sempre no propósito de democratizar a informação relativa à empresa e à história da capital paulista.

EXPOSIÇÃO RARA

Para marcar a inauguração do CDHEI, foi montada no saguão do Edifício Alexandre Mackenzie a exposição Memória Documental através da qual o visitante é introduzido, didaticamente, na história da empresa e no acervo já disponível para consulta. A trajetória da Light foi dividida em quatro períodos: Implantação, Expansão, Reorganização e Nacionalização.

A primeira, em 1917, é o Light se e se impõe de transp iluminação distribuída

A segunda, decisiva, quando o Rasgão, in Mar, inau, Cubatão, Integrado prevendo metrô em outras co, luz, gás e áureo da

A terceira, Light, de fase de re administr. São Paulc de Eletric período e transfere os serviço capacidade Borden, t geradora elevatória inaugura Piratining, Paula Sou

A última, em 1987, com período d transform econômico transferêr acionário Eletrobrás Eletropau bens, serv em São P moderniza distribuid

Na exposi visitada n Alexandre úteis de S encontrar raros, con patente a: rainha Vít autorizanc Domínio c Paulo Rail Light and Documen esse evid CDHEI loç endereço quem quis brasileira i

15 DOCUMENTOS

A primeira fase, de 1899 a 1917, é o momento em que a Light se estabelece no Brasil e se impõe no setor de serviços de transporte coletivo, iluminação pública, produção e distribuição de energia elétrica.

A segunda, de 1918 a 1937, é decisiva para a empresa. É quando constrói a usina de Rasgão, inicia o Projeto Serra do Mar, inaugura a usina de Cubatão, apresenta o Plano Integrado de Transportes prevendo a construção de um metrô em São Paulo e incorpora outras companhias de força e luz, gás e telefone. É o período áureo da Light.

A terceira etapa da história da Light, de 1938 a 1959, é uma fase de reorganização administrativa com a criação da São Paulo Light S.A. — Serviços de Eletricidade. É também o período em que a empresa transfere para a municipalidade os serviços de bondes, amplia a capacidade da usina Henry Borden, transforma a usina geradora de Parnaíba em usina elevatória Edgard de Souza, inaugura a termelétrica de Piratininga e desativa a Paula Souza.

A última etapa, de 1960 a 1987, corresponde a um período de grandes transformações políticas e econômicas no Brasil, à transferência do controle acionário da Light para a Eletrobrás e à criação da Eletropaulo, que assume os bens, serviços e acervo da Light em São Paulo e lança-se à modernização do sistema distribuidor.

Na exposição, que pode ser visitada no saguão do Edifício Alexandre Mackenzie nos dias úteis de 9 às 16 horas, encontram-se documentos raros, como o fac-símile da carta patente assinada pela famosa rainha Vitória, da Inglaterra, autorizando a formação, no Domínio do Canadá, da The São Paulo Railway (depois Tramway), Light and Power Co. Ltd. Documentos preciosos como esse evidenciam por que o CDHEI logo se tornará um endereço indispensável para quem quiser investigar a história brasileira no século XX.



O presidente Jacques Marcovitch discursa; entre os ouvintes, Miguel Kozma (2.º da esq. para dir.), secretário de Assuntos Fundiários e representante do governador Montoro



Primeiros visitantes da exposição inaugural "Memória e Documento"



Na Sala de Consulta, Waldemar Stiel, especialista em história dos transportes, e Ricardo Maranhão, diretor do Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo, folheiam (de pé, à dir.) um dos inventários do Centro de Documentação



O historiador Amaral Lapa, professor da Unicamp, conversa com Célia Camargo, coordenadora do Centro de Documentação

O PATRIMÔNIO DA LIGHT É UMA CONQUISTA DOS TRABALHADORES

Trechos do discurso do engenheiro
Sérgio Motta na inauguração
do Centro de Documentação



"Este ato tem uma importância muito especial para todos nós que trabalhamos na Eletropaulo." Com estas palavras o engenheiro Sérgio Roberto Vieira da Motta, vice-presidente executivo da Eletropaulo, deu início à solenidade inaugural do Centro de Documentação Histórica da Energia e Industrialização de São Paulo.

"Este projeto começou na Eletropaulo há cerca de dois anos e meio", prosseguiu, "quando a nova administração, ao assumir e reavaliar a empresa, decidiu promover uma série de iniciativas, buscando colocá-la a serviço da comunidade de São Paulo", o que "não era uma iniciativa isolada da administração da Eletropaulo", esclareceu, "mas correspondia a uma orientação do governo Montoro, era uma iniciativa global de política de governo".

Nesse esforço de redirecionamento e democratização da empresa, a administração se deparou com um patrimônio de valor histórico, integrado por prédios antigos, equipamentos raros e milhões de documentos textuais, iconográficos e cartográficos, contendo grande parte da história da eletrificação e da industrialização do país e também da expansão urbana da capital paulista, não podendo desconhecer-se, como lembrou o vice-presidente, que "houve época em que a Light mandava na cidade mais do que a própria prefeitura", pois "tinha o poder real e definia a política de crescimento".

Este acervo, estimado em cerca de quinze quilômetros de estantes de documentos, superado apenas pelos dezoito quilômetros do Arquivo Nacional e mantido sob sigilo durante anos, continuou o vice-presidente Sérgio Motta, tem uma importância enorme para a memória da comunidade paulista e por isso a administração da Eletropaulo se convenceu da necessidade de inseri-lo na política de abertura e democratização da empresa.

Assim, "a diretoria promoveu uma ampla reformulação de sua política de patrimônio histórico, fortalecendo o Departamento já existente, ampliando suas atribuições e recrutando um quadro de profissionais numeroso e de alta qualificação, como talvez não exista nesse setor em nenhuma outra empresa". Em seguida, aprovou "um programa de trabalho, que começou pela edição do Boletim Histórico, que já conquistou uma posição de realce entre as publicações similares, inaugurando-se posteriormente a série de cadernos História & Energia", além de outras publicações eventuais.

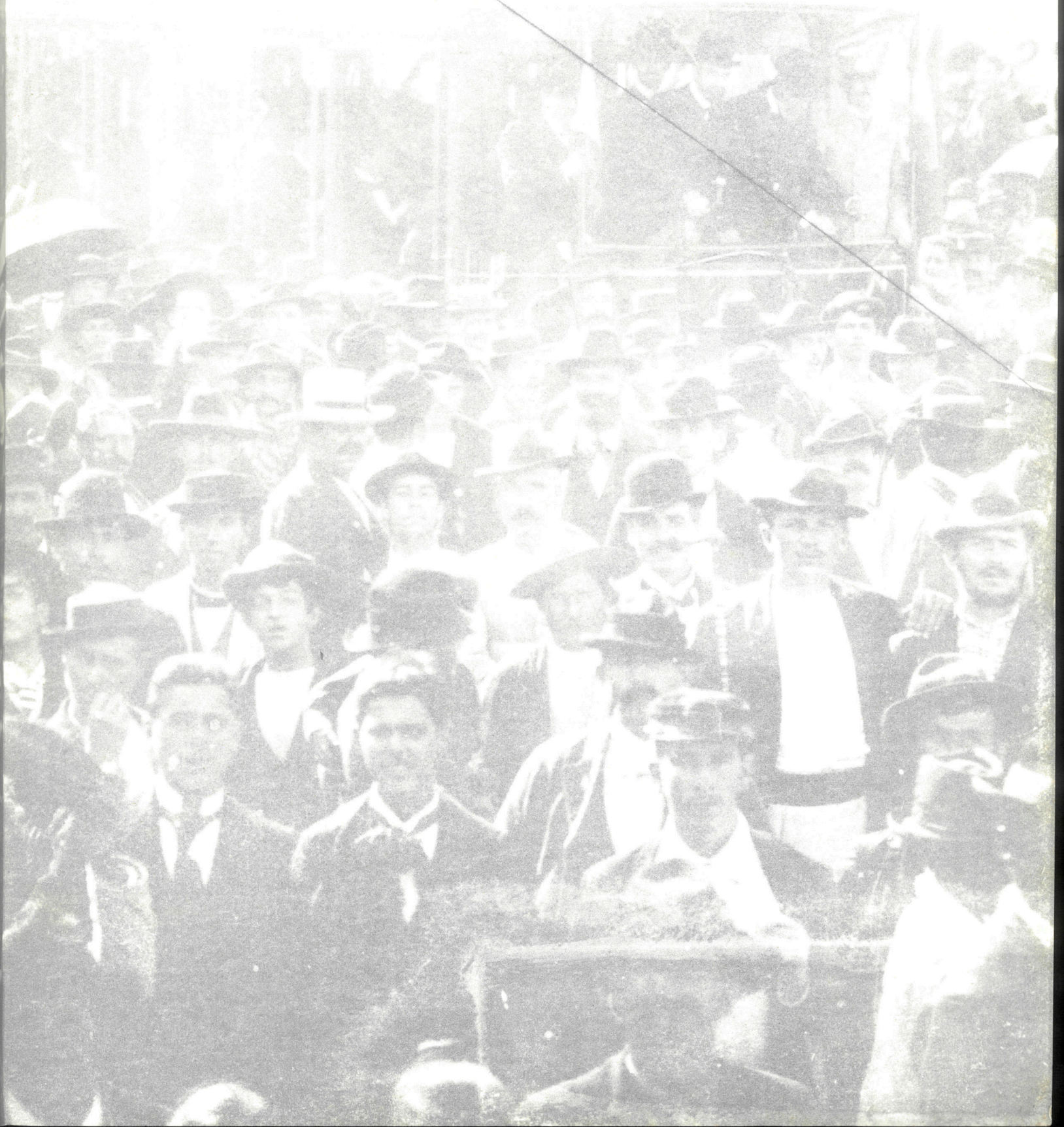
Paralelamente era dinamizado, dentro de uma concepção arrojada e inovadora, o trabalho de preservação do patrimônio arquitetônico e ambiental da empresa, com a recuperação de subestações e mini-usinas e a efetivação de reformas em instalações antigas, como o Edifício Alexandre Mackenzie. Mas o grande desafio, ressaltou o vice-presidente, "era montar um Centro de Documentação Histórica da Energia e da Industrialização de São Paulo, que tornasse acessível a pesquisadores independentes e ao público em geral o valioso acervo da empresa. E é este projeto ambicioso, iniciado há apenas dois anos, que hoje e aqui se inaugura".

O vice-presidente executivo da Eletropaulo esclareceu que o Centro é aberto ao público com apenas uma pequena parcela da documentação que estará sob sua responsabilidade no futuro. Não conta também, de imediato, com a informatização completa de seus serviços e com todos os equipamentos que garantirão no futuro maior rapidez nas consultas e pronta reprodução de textos e fotos. E quanto à parte de equipamentos antigos disponíveis na empresa, esta será incorporada ao Centro gradativamente.

Ainda assim, enfatizou o vice-presidente em seu discurso, a inauguração do Centro reveste-se de grande importância política e científica porque representa a confirmação prática da política atual da empresa de abrir e democratizar seu acervo documental e de escrever sua história "não como um marco prioritário do espírito empreendedor dos americanos e canadenses que a fundaram, ou dos técnicos estrangeiros que serviram em seus quadros, mas sobretudo como um marco e uma conquista dos trabalhadores brasileiros, que ergueram com seus esforços o patrimônio da empresa e com sua luta contribuíram para que ele fosse finalmente nacionalizado".



PRIMEIRO BONDE ELÉTRICO DE SÃO PAULO / 7 DE MAIO / 1900

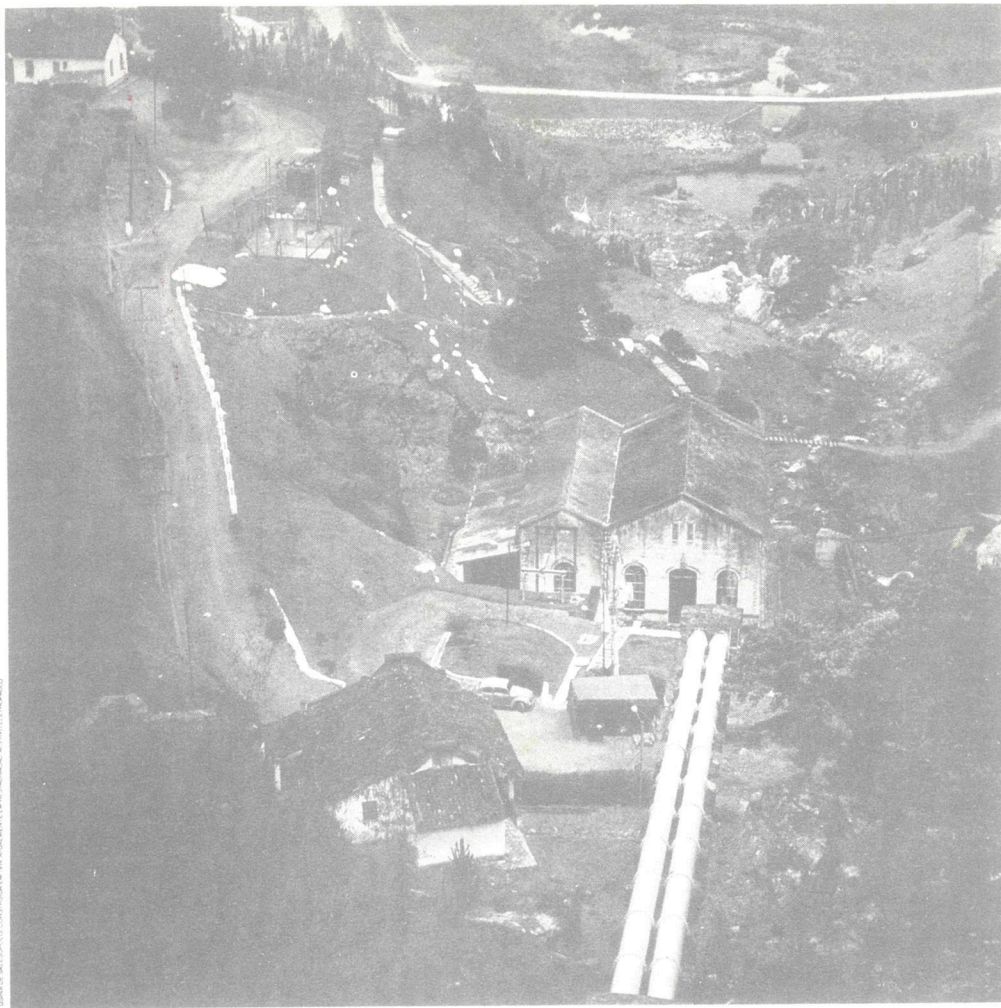


1º SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA E ENERGIA

DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO • INDUSTRIALIZAÇÃO • MEIO AMBIENTE • ENERGIA ELÉTRICA • ARQUITETURA INDUSTRIAL • PATRIMÔNIO HISTÓRICO • MEMÓRIA TÉCNICA



accita-se permuta
pide se cambio
acceptons permutation
exchange requested
si accettano scambi
wir bitten um austausch
接受交換
принимают обмен



SEMPRE ATUALIZANDO O CONTEÚDO DE SEUS ARTIGOS E SEUS TRABALHOS

ENERGIA DE
SÃO PAULO
APOIO
Eletrobras

DE 19 A 23 DE OUTUBRO DE 1986 - CENTRO DE CONVENÇÕES REBOUCAS - SÃO PAULO - BRASIL

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES: RUA TEODORO SAMPAIO, 417 - 11º ANDAR - CEP 05400 - SÃO PAULO - FONE: 280-5199

GOVERNO
MONTORO

Só serão dados créditos às fotos usadas no Boletim quando não pertencerem ao acervo Eletropaulo.

Foto da capa, à direita: A figura feminina na entrada do Centro de Documentação é um molde de madeira para fundição da base dos postes ornamentais uti-

lizados na iluminação da área envoltória do Teatro Municipal de São Paulo desde 1911. Faz parte do acervo das Oficinas Gerais do Cambuci, transferido da Light para a Eletropaulo.

BOLETIM  HISTÓRICO

EDITORA
ELETRICIDADE DE
SÃO PAULO S.A.

8

Fevereiro/1987

R. Cel. Xavier de Toledo, n.º 23
CEP 01048 São Paulo SP 239 6544

Eletropaulo - ELETRICIDADE DE SÃO PAULO S.A.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE

Jacques Marcovitch

CONSELHEIROS

Celso Lafer, Fernando Bento Homem de Melo, José Costa Cavalcanti, José Goldemberg, José Marcondes Brito de Carvalho, Paulo Egidio Martins e Rômulo Barreto Almeida

VICE-PRESIDENTE EXECUTIVO

Sérgio Roberto Vieira da Motta

DIRETORES

Antônio Russo, Custódio Motta Pelegrini, Henrique Waksman, João Baptista Dias Guzzo, Paulo de Tarso Carvalhaes, Reynaldo Malte

SUPERINTENDÊNCIA DE COMUNICAÇÃO

Julieta Lehmann

DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Ricardo Maranhão

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

Célia Reis Camargo, Dirce de Paula e Silva Mendes, Vera Tokaim, Maria Lúcia Irineu dos Santos, Adelina Barbosa Bouças, Cecília Goda, Cristina Murachco, Enio Tadeu de Freitas, João Rodrigues Neto, Paulo Afonso Arruda, Rita Lo Schiavo, Sérgio Dantas da Silva, Sílvia Dikszejn Carlos Gomes Pires, Carlos Sérgio da Costa Lima, Rubens Carotenuto Grupo de Pesquisa: José Alfredo O. V. Pontes, Denise Mendes, Giselle Beigelman, José Antônio Segaito, Kátia Martinez, Maria Luísa N. A. Paschkes, Nivia Faria

PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO

Vera Maria de Barros Ferraz, Heloisa Barbosa da Silva, Maria Lúcia Perrone Passos, Sueli Martini Ferrari, Ricardo Furtado, Rosane Tróia, Raquel da Cunha Gaiger, Cecília Santoro

EDITORIA DE PUBLICAÇÕES

Duarte Pacheco Pereira, Edsel O. Britto, Telma Domingues da Silva, Mônica Violante Grupo de Arte: Fernando Lemos, Cely Russo Vieira, Kenzi Oyama

APOIO ADMINISTRATIVO

F. E. Bezerra de Menezes, Miriam Luíza Bruno, Sônia Nascimento Sândici, Miriam Abasto Monteiro, Maria Márcia de Lima Faria, José de Lima, Marco Antônio de Lima, Moisés Inácio Duarte

CONSULTORIA

Feliciano Swerts Carneiro Dias

Trabalharam na edição deste Boletim:

EDITOR

Duarte Pereira

EDITOR DE ARTE

Fernando Lemos

PRODUÇÃO GRÁFICA

Cely Russo Vieira, Marilda Campagnoli de Vilhena

TEXTO

Edsel Britto, Feliciano Dias, Otto Figueiras (colaborador)

REVISÃO

Telma Domingues da Silva, Mônica Violante

FOTOLITO E IMPRESSÃO

Gráfica da Eletropaulo

TIRAGEM

15.000 exemplares